

Arte de Acção | No Silêncio das Vanguardas

A **Arte de Acção** e o que nos leva a praticá-la. A questão assim colocada insinua-se à procura de Retrato, de um perfil do Vivido_Vivenciado, acabando por convocar o f(r)atal [fractal_fatal] sentido biográfico. O despudor a que obriga o espectáculo de uma biografia gera sempre constrangimento.

Já antes o severo mapeamento de Guy Debord, em *A Sociedade do Espectáculo*, cedo me alertara para os malefícios da presença expositiva, orgânica no lugar comprometido, e a vitimização do corpo como alvo quando surge a público em manifesto [Debord vitimou seu corpo ao limite da acção pensante].

O espaço (sempre) compro_metido. O f(r)atal [fractal_fatal] compromisso. E como aí a arte a tanto resiste, ou procura resist_ir re_quali_ficando.

Mas há sempre o ódio do outro. Até porque na válvula pensante de Sartre gera-se convulsivamente o aviso de que o inferno são os outros [“AutofA(l)gias_gelo real_Vestígios”, Arte de Acção: CAPC, 2018].



Portanto a História é o que vai a palco e não a dor sentida no camarim. Há o branco alceste sobre as rugas da face queimada do actor — a máscara. O *performer* quis lav(r)ar a face do actor, mas a máscara, como nos alertou Álvaro de Campos, *a máscara, quando quis tirar a máscara estava pregada à cara*. As artes que procuraram rejeitar a representação, como tanto zelaram Jerzi Grotowski, Julian Beck, ou mesmo, de um outro modo, Alan Kaprow, têm um preço caro. Um excessivo peso para a moldura tardia.

O agenciamento operativo de uma acção, pretensamente consequente, pode surgir com o corpo ausente [do palco]. Ele está. Mas fazendo-se enunciar através de legados *objectos transitivos*, gestão de energia *animus*, ou mesmo em transfer de sache (em Kant) para *coisa poética* em memória. Sempre numa convulsiva revisitação do vivenciado — a que chamei de **obgestos**. Tudo nesse *magma* incandescente da acção presente de um corpo ausente.

Arte de Acção surge então aqui como rosto de identidade. E ela (a)firma-se. Emancipa-se operativa. Como razão de si. Educativa e Vivença. Em arte, no tangível da sua intangibilidade. Em condição Fluxus, na senda de uma escultura social (Beuys), ou não seria o artista um *educador* (Vostell) na/da sociedade do Antropoceno (Neyrat).

Posto isto podemos regressar à pergunta: "Quando?" — Em 1976 ["Escravos", e colateralidades inscritas]. "Porquê?" — E respondo, para *progestualizar*:

Então vejamos como no *Círculo* [CAP_Círculo de Artes Plásticas], em Coimbra, nos anos setenta, encontrei José Ernesto de Sousa que se interessou pelo meu trabalho, primeiro pelo texto de intervenção "Escravos" (convidando-me para expor esta peça, conjugadamente com outras experiências textuais e de imagem da mesma colecção de *Poesia Visual*, na Galeria Diferença, em Lisboa). Operação consequente, com resultados também na Literatura Experimental Portuguesa (conjugando depois a minha experiência, com programas diversos, com Ernesto M. de Melo e Castro, Ana Hatherly, António Aragão e Alberto Pimenta.

Ernesto de Sousa foi também o agenciador mais assertivo do Movimento Fluxus em Portugal, muito a partir de Beuys. Nesse contexto vim a desenvolver uma actividade operativa com Wolf Vostell, Robert Filliou, Serge III Oldenbourg, e mais recentemente com Yoko Ono.

Ainda no CAP, explorei vários domínios experienciais das artes e seus modos de afirmação, com Alberto Carneiro, a partir das suas recolhas na Saint Martin's School of Art, em Londres. Acção geradora da então formulação da OIC_Oficina de Interação Criativa, no alinhamento das psicodinâmicas que se apelam na territorialidade das pedagogias sensoriais inclusivas.

Ao assumir funções de directoria no CAPC, e no contexto da Academia de Coimbra, recebi no *Círculo*, Julian Beck e Judith Malina, com os The Living Theatre; Meredith Monk e Joel-Peter Witkin, entre outros nomes de referência da arte em acção.

Com Vostell vim a desenvolver, comungando, um trabalho continuado (onde se inscreveu o Vostell Fluxus Zug, em Leverkusen, e o Museo Vostell Malpartida, em Cáceres, museu do happening, cuja colecção inscreve diversas obras que construí).

Neste âmbito, a partir de Vostell, iniciei ainda uma conjugação múltipla de projectos de trabalho no contexto de Joan Brossa, em Barcelona, e de Pina Bausch, em Wuppertal.

Se pretendermos sublinhar os trabalhos mais relevantes entre 1998-2024, noto que a matéria é vasta. Refiro contudo nesta breve leitura alguns exemplos que proporcionam tipologias diferenciadas, de certo modo enquadráveis na Arte de Acção.

ARexploratóriodasartes, explorou o teatro japonês Kabuki, numa conjugação com a escrita haikai de Matsuo Bashō, culminando operativamente com Eimuntas Nekrosius em Vilnius.

Alquimias, Dos Pensamentos das Artes, Encontros de Arte Coimbra 2000, intervenção artística em espaço então em ruína, hoje CCC_Coimbra, Cultura e Congressos, Convento São Francisco.

"**Valsamar**", Museu da Água, e Intervenção em espaço património requalificado, Edifício das Caldeiras (Universidade de Coimbra, hoje espaço de trabalho dos Estudos Artísticos da FLUC); e MUDAS_museu. A obra "Valsamar" integra hoje a colecção do agora MUDAS_Museu de Arte Contemporânea da Madeira.

"**Ex_Patriar**", peça em conjugação com a operação artística, Escultura Social e "**Andante**", duas obras parte integrante da colecção do Museu da Fundação Bienal de Cerveira. A obra "Andante" inscreve uma operação internacional com múltiplos contributos gerados em diversas geografias, como o de Ernesto Melo e Castro, a seu tempo em São Paulo, Brasil, e o de Egídio Álvaro, então em Paris, França.

"**Esclaves**", Operação Cidade_Livro, Leituras do lugar. Memorial de l'abolition de l'esclavage, Musée d'histoire de Nantes, Quai de la Fosse, Nantes, France, 10 junho 2016.

Em *Insubmissos*, 2017, Funchal, surjo a desafiar **Daniel Buren** para uma intervenção artística na floresta colunar, estrutura suporte da requalificação da pista mestra do Aeroporto da Madeira.

"**Basalto, uma Arma de Fogo**", intervenção pública de arte sociológica, participada. Centro de Dramaturgia Contemporânea, TAGV_Universidade de Coimbra, com continuidade no MUDAS. Integra a obra a colecção do MUDAS_museu.

Depois da década de 80, e mais concretamente entre 1998 e 2018, surge, neste arco temporal, num trabalho aturado na construção de uma identidade particular distintiva, ancorada em novos princípios, e a formulação de uma gramática que convoca um léxico específico onde se inscreve, para além de assumidas razões da condição *artoral*, e das *artitudes*, a especificidade da legitimação dos *obgestos* e dos *progestos*, genuínos, e das diferentes disciplinas que as matérias em estudo convocam. Por vezes, surgem assumidas *contaminações*, ou particulares objectos e causas merecedoras de observação, mormente de artistas e projectos que seguem uma política da arte de acção. E aí a constelação é vasta, e diversa, mas para iniciar uma ilustração primeira, gostaria de referir o singular trabalho da proximidade matéria do oculto no lugar urbano, de Jochen Gerz (que antes esteve entre nós, mas agora na Alemanha, e (e)legível).

No meu trabalho exploratório retomei a obra de Alberto Burri, comecei há alguns anos por estudar o seu trabalho de recolha da matéria, muito antes da criação da sua obra distintiva do Grande Cretto di Gibelina, na Sicília. Estudo operativo, e de intervenção, para o qual estou a preparar uma continuidade conjugada com a minha exploração em curso, no âmbito da Arte_Educação.

Dos três gestos ilustrativos de Arte de Acção seguidamente representados, atente-se que o primeiro, *Silêncio Falante #3 _progesto* no âmbito da operação **UKRAYINA2400h_ Uma esgrita de guERRA, 2022-2024** foi proposto em 2022 ao então presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, que aplaudiu e mostrou interesse por uma oportuna concretização do programa em *Manifesto*.

A segunda imagem enuncia o *objecto-livro* "**POR CHE**", em exposição itinerante desde 2023, circulando em difusão pelo país em múltiplas galerias e publicações, no âmbito da iniciativa "What is Watt?", desde 2023.

1.000.010_artitude, 2024, com Robert Filliou ao fundo. Galeria dos Prazeres. A operação, gerada a partir de: "**ESCRAVOS.INSULAE_Do 25 de Abril, 50 anos depois**", formula em si um desafio participativo de reflexão e intervenção, *contaminação* consequente, com edição internacional.





Elegia a Che Guevara, 2020, António Barros

A imagem revela uma intervenção urbana realizada pelos: *La Brigada Guerrilha Andante_Socialista [LBGA_S]*, na cidade de Rosário, na Argentina, a 21 de junho de 2020. Na fachada de um stand de automóveis, ponto de venda da PORSCHE, os revolucionários durante a noite exaltaram o nome de Che Guevara amputando “do letreiro” a letra S da marca *motor* [e desígnio S da *LBGA_S*] assim elevando, neste jogo de leituras, o silenciado CHE.

[Da aula: *Comunicação viral - informação verdadeira_e/ou_falsa*, AB; e apresentado em: “R for Revolution”, *Visual Poetry Museum*, 2021, Brasil].

Galeria dos Prazeres

Calheta Madeira Portugal



Öffnungszeiten:
Donnerstag bis Sonntag
10-13, 15-22 Uhr
Sonntag bis Dienstag
10-13, 15-19 Uhr
Mittwoch geschlossen.

1.000.010.

**VÍRUS INFORMÁTICOS
IRÃO INVADIR APAGANDO TODOS OS ARQUIVOS
DE ARTE DO PLANETA TERRA ~**

28.6.2024

**ATENTOS
TODO O
TEMPO**

**1.000.010 ALERTAS . MANIFESTOS . INTERVENÇÕES . ARTITUDES
AR . ÁGUA . SILÊNCIO . PAISAGEM SONORA . ENERGIA
HAPPENING . GESTOS . OBJESTOS . PROGESTOS . ESGRITA**

ANTÓNIO BARROS